

O poeta da revolução

Adílson Odair Citelli

Professor Livre-Docente no Departamento de Comunicação e Artes da ECA-USP.

Chefe do Departamento de Comunicações e Artes.

E-mail: citelli@uol.com.br

O poeta, dramaturgo, agitador cultural Vladimir Maiakovski nasceu em 7 de julho de 1893 no pequeno lugarejo de Bagdadi, na Geórgia. Produziu uma das mais significativas obras poéticas do nosso tempo. Engajado desde o primeiro momento na revolução russa de 1917, seria um dos líderes da renovação literária e artística na recém-criada URSS. Inspirado nas posições futuristas e cubofuturistas, procurou integrar novas formas de composição poética aos temas com os quais trabalhava. Ao final entrou em choque com as posições stalinistas que predicavam uma arte de cunho naturalista, de pouca capacidade inventiva. Com a máxima “não há conteúdo revolucionário sem forma revolucionária”, Maiakovski sinalizou com um tipo de criação em dissonância com o caráter panfletário que tomou conta da arte soviética no período. Suicidou-se em Moscou no dia 14 de abril de 1930. Tinha 37 anos.

A PLENOS PULMÕES¹

PRIMEIRA INTRODUÇÃO AO POEMA

Caros
 camaradas
 futuros!
Revolvendo
 .a merda fóssil
 de agora,
 .perscrutando
estes dias escuros,
 talvez
 perguntareis
 .por mim.
Ora,
 começará
 .vosso homem de ciência,
afagando os porquês
 .num banho de sabença,
conta-se
 .que outrora
 .um fêvido cantor
a água sem fervura
 combateu com fervor(1).

1. Campos H.A.; SCHNAIDERMAN, B. Maiakovski - poemas. São Paulo: Perspectiva. 1982.

Professor,
 .jogue fora
 .as lentes-bicicleta!
A mim cabe falar
 .de mim
 .de minha era.
Eu – incinerador,
 .eu – sanitaria,
a revolução
 .me convoca e me alista.
Troco pelo front
 .a horticultura airosa
 .da poesia –
 .fêmea caprichosa.
Ela ajardina o jardim virgem
 .vargem
 sombra
 .alfombra.
“É assim o jardim de jasmim,
 .o jardim de jasmim do alfenim.”
Este verte versos feito regador,
 aquele os baba,
boca em babador, –
 .bonifrates encapelados,
 descabelados vates –
entendê-los,
 ao diabo!,
 .quem há-de...
Quarentena é inútil contra eles
 – mandolinam por detrás das paredes:
“Ta-ran-tin, ta-ran-tin,
 .ta-ran-ten-n-n...”
Triste honra,
 .se de tais rosas
 minha estátua se erigisse:
na praça
 .escarra a tuberculose;
putas e rufiões
 .numa ronda de sífilis.
Também a mim
 .a propaganda
 cansa,
é tão fácil
 .alinhavar
 .romanças, –
Mas eu
 .me dominava
 .entretanto
e pisava
 .a garganta do meu canto.

Escutai,
 camaradas futuros,
 o agitador,
o cáustico caudilho,
 o extintor
 .dos melífluos enxurros:
por cima
 dos opúsculos líricos,
 .eu vos falo
 .como um vivo aos vivos.
Chego a vós,
 à Comuna distante,
 não como Iessiênin,
 .guitarriarcaico.
Mas através
 .dos séculos em arco
 .sobre os poetas
 e sobre os governantes.
Meu verso chegará,
 .não como a seta
 lírico-amável,
 que persegue a caça.
Nem como
 ao numismata
 .a moeda gasta,
 .nem como a luz
 .das estrelas decrépitas.
Meu verso
 .com labor
 .rompe a mole dos anos,
 e assoma
 .a olho nu,
 .palpável,
 bruto,
 .como a nossos dias
chega o aqueduto
 levantado
 por escravos romanos.
No túmulo dos livros,
 .versos como ossos,
 se estas estrofes de aço
acaso descobirdes,
 .vós as respeitareis,
 como quem vê destroços
 de um arsenal antigo,
 .mas terrível.
Ao ouvido
 não diz
 blandícias
 minha voz;

lóbulos de donzelas
de cachos e bandós
não faço enrubescer
.com lascivos rondós.

Desdobro minhas páginas
.- tropas em parada,
e passo em revista
.o front das palavras.

Estrofes estacam
.chumbo-severas,
.prontas para o triunfo
ou para a morte.

Poemas-canhões, rígida coorte,
apontando
as maiúsculas
.abertas.

Ei-la,
.a cavalaria do sarcasmo,
minha arma favorita,
.alerta para a luta.

Rimas em riste,
sofreando o entusiasmo,
.eriça
suas lanças agudas.

E todo
este exército aguerrido,
.vinte anos de combates,
não batido,
.eu vos dôo,
proletários do planeta,
cada folha
.até a última letra.

O inimigo
da colossal
.classe obreira,
é também
meu inimigo
.figadal.

Anos
de servidão e de miséria
.comandavam
.nossa bandeira vermelha.

Nós abríamos Marx
volume após volume,
.janelas
.de nossa casa
abertas amplamente,
mas ainda sem ler
saberíamos o rumo!

onde combater,
de que lado,
em que frente.
Dialética,
.não aprendemos com Hegel.
Invadiu-nos os versos
ao fragor das batalhas,
.quando,
sob o nosso projétil,
debandava o burguês
que antes nos debandara.
Que essa viúva desolada,
– glória –
se arraste
após os gênios,
.merencória.
Morre,
.meu verso,
como um soldado
.anônimo
na lufada do assalto.
CUSPO
sobre o bronze pesadíssimo,
cuspo
sobre o mármore viscoso.
Partilhemos a glória, –
entre nós todos, –
o comum monumento:
o socialismo,
.forjado
na refrega
e no fogo.
Vindouros,
varejai vossos léxicos:
do Letes
brotam letras como lixo –
“tuberculose”,
“bloqueio”,
“meretrício”.
Por vós,
geração de saudáveis, –
.um poeta,
com a língua dos cartazes,
lambeu
os escarros da tísis.
A cauda dos anos
faz-me agora
um monstro,
fossilcoleante.

Camarada vida,
vamos,
para diante,
galopemos
pelo qüinqüênio afora(2).
Os versos
para mim
não deram rublos,
nem mobílias
de madeiras caras.
Uma camisa
lavada e clara,
e basta, –
para mim é tudo.
Ao Comitê Central
do futuro
ofuscante,
sobre a malta
dos vates
velhacos e falsários,
apresento
.em lugar
do registro partidário
todos
os cem tomos
dos meus livros militantes.

dezembro, 1929/janeiro, 1930.

1. Maiakovski escreveu versos de propaganda sanitária.
2. Alusão aos Planos Qüinqüenais soviéticos.
(Tradução e notas de Haroldo de Campos.)